



Ficha Técnica

Título e subtítulo

A *Villa* Romana da Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo
(Vila Franca de Xira)

Trabalhos Arqueológicos efectuados no âmbito de uma obra
da EPAL S.A.

Coordenação Científica

Luísa Batalha; João Carlos Caninas; Guilherme Cardoso; Mário Monteiro

Fotografia da capa

Aqueduto de Época Romana

Execução das Sondagens Arqueológicas

EMERITA - Empresa Portuguesa de Arqueologia

Equipa de campo (coordenadores)

Luísa Batalha e Mário Monteiro

Equipa de campo (colaboradores)

Catarina Alves; Sónia Bombico; Rui Machado; Inês Ribeiro

Textos

Luísa Batalha; Guilherme Cardoso; João Luís Cardoso; Fernando Casqueira;
José d'Encarnação; Mário Monteiro; Paula Fernanda Queiroz; Inês Ribeiro;
Eurico Sepúlveda

Desenhos

Luísa Batalha; Eurico Sepúlveda

Fotografia

Guilherme Cardoso; João Luís Cardoso; José Mateus; Mário Monteiro;
Paula Fernanda Queiroz; Matthias Tissot

Topografia, Plantas e Cortes

José António Oliveira

Edição

EPAL - Empresa Portuguesa das Águas Livres, S.A.

Coordenação Projecto Editorial

Mário Pinho da Cruz - EPAL

Paginação e Design

Raquel Simões - EPAL

Impressão

Ligrate - Atelier Gráfico, Lda.

Tiragem

1000

Depósito Legal:

294047/09

Ano

2009

ISBN

978-989-95761-5-5



GRAFITO EM FRAGMENTO
DE TELHA ROMANA

GRAFITO EM FRAGMENTO DE TELHA ROMANA

José d'Encarnação*

Foi identificado, a 19 de Dezembro de 2006, na conduta da *villa* romana então em fase de sondagens em Castanheira do Ribatejo – sondagem 6, estrato 6, 1,75 m de profundidade, sob a responsabilidade de Sónia Bombico - o fragmento de um *imbrex*, com as seguintes dimensões: (10,5) x (11,8) x 2. Pela forma como a aresta aí se apresenta, recta, a 'face' direita correspondia ao topo da telha; e também se pode garantir que a 'face' inferior corresponde ao rebordo original da peça.

Ostenta na face externa, lisa, uma inscrição gravada com estilete pontiagudo ou ponta de canaafiada, à mão levantada, enquanto a pasta se encontrava ainda por secar. Teremos, pois, atendendo ao que atrás se disse, a parte final de três linhas dessa inscrição, não podendo, pois, garantir nem se o texto ocuparia toda a extensão da telha em comprimento nem se ocuparia mais espaço em largura, pois o que nos resta poderá equivaler a cerca de metade da largura da telha e poderiam, nessa ordem de ideias, existir, por exemplo, mais duas – ou mesmo três – linhas acima.



109

Fragmento de telha romana com inscrição

* Professor Catedrático. Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto.

As letras são cursivas, abertas, bastante espaçadas entre si e de traçado irregular – como é hábito nestas circunstâncias. Note-se a barra do L lançada para baixo, obliquamente; o M muito largo e sem que os traços se toquem; o O (ou o Q, se tivermos em consideração uma leve depressão inferior) esguio demais e traçado em dois movimentos de cima para baixo.

Na actual l. 1, lê-se LE (as duas barras superiores muito alongadas) seguido de espaço e M, afigurando-se-nos que se pode garantir a existência de mais uma letra.

Na l. 2, há um traço alongado assaz semelhante ao do L da linha anterior, pelo que não parece difícil aceitar a presença, aí, dessa letra; saltou um grânulo de quartzo na cozedura, deixando um buraco – que não detém, portanto, qualquer significado epigráfico. Segue-se-lhe, à primeira vista, um F, grafado com haste vertical ladeada de uma outra, mais pequena, paralela e colocada na sua parte superior; mas essoutra haste também pode ter resultado de acidente na cozedura e, nesse caso, teríamos um I. De seguida, M muito largo e um I inclinado para diante, havendo entre as duas letras um traço horizontal de gravação intencional embora mais ténue, cujo significado se ignora (a não ser que queira ser sinal de pontuação). O conjunto LIMI será, pois, viável, sem que se possa, de momento, sugerir uma interpretação.

110

Na l. 3, a parte superior do que poderia ser um V; um veio determinado pela combustão de uma palhinha que se agregou durante a moldagem poderia, pela foto, sugerir uma letra, mas não é; o que se segue é um M desajeitadamente grafado e o O (ou, menos provável, o Q) atrás referido. -VMO é terminação possível de diversas palavras e, se estivéssemos em ambiente de índole votiva ou mesmo funerária, ocorrer-nos-ia de imediato a palavra OPTVMO.

Na verdade, porém, o que temos, tão desgarrado de qualquer formulário corrente, não proporciona nenhuma interpretação viável nem sequer nos permite adiantar sugestões acerca do tipo de mensagem que por esta simples telha poderia ter sido veiculada. De resto, até o modo como as letras estão gravadas, pelo seu ‘estilo’ em todas as épocas, não aponta para qualquer cronologia, ainda que, pelas características formais, tenhamos a certeza de que se trata de uma inscrição romana. Por outro lado, o facto de estarmos perante um grafito de alguma dimensão é sintoma de que as gentes que habitavam a *villa* e, sobretudo, o operário que trabalhava na olaria que lhes forneceu o material de construção já tinham por hábito recorrer à escrita para fazerem passar as suas mensagens – e esse é um aspecto de índole cultural não despidendo.